

DEBATE ELEITORAL: UMA ANÁLISE DOS OPERADORES ARGUMENTATIVOS

Danielle Cristine Silva¹
Mauricéia Silva de Paula Vieira²

RESUMO: O presente artigo visa socializar resultados de uma pesquisa empreendida no âmbito das atividades do PIVIC/UFLA, que buscou analisar em que medida os operadores argumentativos contribuem para uma argumentação eficiente no gênero debate e quais as estratégias argumentativas estão presentes no debate político. Para isso, contamos com as contribuições de Abreu (2008), Antunes (2009), Bakhtin (1992), Koch (2006) e Osakabe (1999). Entendemos que o ato de argumentar está presente na linguagem, cuja característica é a intencionalidade e que um dos gêneros textuais marcadamente argumentativo é o debate, o qual se configura como um texto de cunho opinativo em que os debatedores expõem um ponto de vista sobre um tema controverso, seja para defender ou para refutar um ponto de vista, com o intuito de formar a opinião dos ouvintes. Dentre os recursos argumentativos podemos elencar: (i) o uso de argumentos de autoridade; (ii) o argumento pelo exemplo e pela ilustração; (iii) os argumentos com base no raciocínio lógico e (iv) os argumentos baseados no senso comum. A metodologia empregada privilegiou uma abordagem qualitativa na análise dos dados, coletados a partir de debates entre Serra e Haddad, candidatos à prefeitura de São Paulo em 2012. Os resultados indicam que os debatedores empregam estratégias argumentativas como forma de convencer os eleitores de que são bons candidatos ao cargo. Indicam, ainda, que cada debatedor procura desacreditar o governo e/ou o partido do outro com argumentos baseados no senso comum, e principalmente, utilizando estratégias de exemplificação e de ilustração.

PALAVRAS-CHAVE: argumentação; debate; operadores argumentativos.

ABSTRACT: The present article aims to socialize the results of a research undertaken in the scope of the activities of PIVIC / UFLA, which sought to analyze the extent to which argumentative operators contribute to an efficient argumentation in the debate genre and which argumentative strategies are present in the political debate. For this, we count on the contributions of Abreu (2008), Antunes (2009), Bakhtin (1992), Koch (2006) and Osakabe (1999). We understand that the act of arguing is present in the language, which is endowed with intentionality and one of the textual genres markedly argumentative is the debate, which is configured as an opinionated text in which the debaters expose a point of view on a controversial topic, either to defend or to refute a point of view, in order to form the opinion of the hearers. Among the argumentative resources we can list: (i) the use of arguments of authority; (ii) the argument by example and illustration; (iii) arguments based on logical reasoning and (iv) arguments based on common sense. The methodology used, favors a qualitative approach in the data analysis, collected from debates between Serra and Haddad, candidates to the city hall of São Paulo in 2012. The results indicate that the debaters use argumentative strategies as a way to convince the voters that they are good candidates. They also indicate that each debater seeks to discredit the government and/or the other party with arguments based on common sense, and especially, using strategies of exemplification and illustration.

KEY WORDS: argumentation; debate; argumentative operators.

¹ Programa de Pós-Graduação em Educação; Universidade Federal de Lavras; UFLA; danielle.letrasufla@gmail.com

² Departamento de Ciências Humanas; Universidade Federal de Lavras; UFLA; mauriceia@dch.ufla.br

INTRODUÇÃO

Atualmente grande parte das teorias linguísticas postula o fato de que se fala e se escreve através de textos, tanto os orais como os escritos. Dessa forma, uma palavra pode ser considerada um texto, como por exemplo, quando um leitor lê uma placa com os seguintes dizeres: *Atenção!* Esse leitor poderá deduzir que, naquele local, pode haver algum perigo, sendo necessário ter mais cuidado e cautela. Assim, o texto pode ser compreendido como um aparato que proporciona o funcionamento da língua nos diversos contextos de interação verbal.

Vários aspectos estão envolvidos em um texto, como acentua Antunes:

O texto envolve uma teia de relações, de recursos, de estratégias, de operações, de pressupostos, que promovem a sua construção, que promovem seus modos de sequenciação, que possibilitam seu desenvolvimento temático, sua relevância informativo-contextual, sua coesão e sua coerência... (ANTUNES, 2009, p. 51).

No ensino dos mais diversos textos da língua(gem) existem duas subdivisões, são elas: as tipologias textuais e os gêneros textuais.

As tipologias podem ser entendidas como sequências linguísticas encontradas nos textos, como: descritivas, argumentativas, expositivas, injuntivas e narrativas. Apesar da intrínseca relação entre as tipologias expositiva e argumentativa, há uma sutil diferença entre os discursos, pois no primeiro há presença de termos explicativos (*isto é, quer dizer, ou seja, pois, dentre outros*), e o segundo faz uso de termos contrastivos (*mas, porém, todavia, entretanto, no entanto, senão, não obstante, contudo, dentre outros*). Tal fato, explica a existência de sequências do tipo expositivo-argumentativo, que compreende a dissertação-argumentativa, tão debatida no Ensino Médio.

Por sua vez, os gêneros podem ser compreendidos como “textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica” (MARCUSCHI, 2005:19). Ou seja, são textos, tanto orais como escritos, que circulam no cotidiano de uma sociedade e que cumprem um propósito comunicativo, como: carta, notícia, mapa, anúncio publicitário, reportagem, receita culinária, dentre outros. Dessa forma, Bakhtin completa:

Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. (BAKHTIN, 2000, p. 285).

No campo da argumentação, também existe um leque de gêneros, tais como: artigo de opinião, anúncio publicitário, editorial, carta argumentativa, debate, dentre outros. Este último é o que abordaremos a seguir.

A ARTE DE ARGUMENTAR

A arte de convencer ou persuadir surgiu em Atenas, na Grécia antiga, por volta de 427 a.C., mais conhecida como retórica. Nesta época fez necessário o surgimento de cidadãos que conseguissem dominar a oralidade e a argumentação no discurso, para atender as assembleias populares e os tribunais. Essa foi a primeira experiência de democracia que se tem notícia na História. Assim, os atenienses contaram com os sofistas, mestres itinerantes da época que ensinavam a arte e, dentre eles, tiveram destaque Protágoras e Górgias.

Na época, os discursos eram traçados com base no senso comum, ou seja, discurso do senso comum. Atualmente são considerados diversos discursos para a argumentação, como: discurso jurídico, discurso científico, discurso religioso, discurso político, e inclusive o discurso do senso comum.

De acordo com Koch (2006), o ato de argumentar ocorre através da interação social humana, dotada de intencionalidade e fundamentalmente argumentativa. Ao argumentar podemos criticar, julgar e avaliar. Dessa forma, no discurso argumentativo ficam implícitos os objetivos de argumentar, de se posicionar, de persuadir, de informar e de chegar a alguma conclusão.

Ao argumentar, o autor tem como principal objetivo persuadir seus leitores, convencendo-os acerca de alguma temática, através de um conjunto de argumentos. Mas, convencer é o mesmo que persuadir? Neste sentido Abreu nos chama atenção:

Convencer é construir algo no campo das ideias. Quando convencemos alguém, esse alguém passa a pensar como nós. Persuadir é construir no terreno das emoções, é sensibilizar o outro para agir. Quando persuadimos alguém, esse alguém realiza algo que desejamos que ele realize. (ABREU, 2008, p. 25).

Dessa forma, segundo Abreu (2008), argumentar é, em última análise, a arte de gerenciar informações e convencer o outro de alguma coisa no plano das ideias. E através do gerenciamento de relação, persuadi-lo, no plano das emoções, a fazer alguma coisa que nós desejamos que ele faça. Para argumentar, existem estratégias linguístico-discursivas adequadas. Assim, podemos citar, por exemplo: (i) o uso de argumentos de autoridade; (ii) o argumento pelo exemplo e pela ilustração; (iii) os argumentos com base no raciocínio lógico e (iv) os argumentos baseados no senso comum, dentre outros.

Tendo por base todos os pressupostos aqui pautados, nosso objetivo é compreender o gênero debate e analisar como os operadores argumentativos contribuem na produção desse gênero.

O DEBATE COMO UM GÊNERO ARGUMENTATIVO

O debate é um gênero textual de cunho opinativo em que os debatedores expõem um ponto de vista sobre um tema controverso, seja para defender ou refutar um ponto de vista, com vistas a formar opiniões dos ouvintes. Todo debate tem como ponto central, um tema, ou questões a serem discutidas. Os debatedores marcam uma posição positiva ou negativa em relação à questão inicial do debate e apresentam argumentos para convencer o interlocutor; posteriormente, o debatedor retorna ao que foi dito anteriormente, concordando, apoiando com ou sem aprofundamento, discordando, refutando, dentre outras estratégias. Assim, Schneuwly e Dolz afirmam:

Um debate público se volta sempre para uma questão controversa e permite a intervenção de diversos parceiros que exprimem suas opiniões ou atitudes, tentando modificar aquelas dos outros pelo ajuste das suas próprias, em vista, idealmente, de construir uma resposta comum à questão inicial. Pode ser chamado de regrado quando um moderador gere e estrutura seu desenrolar evidenciando a posição de diferentes debatedores, facilitando as trocas entre eles e tentando eventualmente arbitrar os conflitos e conciliar as posições opostas. Desse ponto de vista, o moderador não assume somente o papel de mediador entre os participantes, mas também (e, às vezes, principalmente) entre os participantes e o auditório. (Schneuwly e Dolz, 2004, p. 166).

Em um debate, o uso dos operadores argumentativos configura-se como uma estratégia relevante, pois são eles que, juntamente com os fatos expostos, vão proporcionar a força argumentativa dos enunciados. Eles se dividem em duas noções básicas: classe argumentativa e escala argumentativa. O primeiro compreende os argumentos que levam o interlocutor a determinada conclusão, enquanto, o segundo engloba também, os argumentos que levam o interlocutor a uma conclusão, porém de forma gradativa, ou seja, os operadores agem de maneira hierárquica, do de maior força argumentativa para o de menor força argumentativa. Assim, segundo Antunes (2009), temos os operadores argumentativos que:

- ⇒ Assinalam o argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão. Exemplos: *até, mesmo, até mesmo, inclusive*.

- ⇒ Somam argumentos a favor de uma mesma conclusão. Exemplos: *e, também, ainda, nem (= e não), não só... mas também, tanto... como, além de, além disso, a par de.*
- ⇒ Introduzem uma conclusão relativa a argumentos apresentados em enunciados anteriores. Exemplos: *portanto, logo, por conseguinte, pois, em decorrência, conseqüentemente.*
- ⇒ Introduzem argumentos alternativos que levam a conclusões diferentes ou opostas. Exemplos: *ou, ou então, quer... quer, seja... seja.*
- ⇒ Estabelecem relações de comparação entre elementos, com vistas a uma dada conclusão. Exemplos: *mais que, menos que, tão... como.*
- ⇒ Introduzem uma justificativa ou explicação relativa ao enunciado anterior. Exemplos: *porque, que, já que, pois.*
- ⇒ Introduzem pressupostos no enunciado. Exemplos: *já, ainda, agora.*
- ⇒ Distribuídos em escalas oposta: afirmação total ou negação total. Exemplos: *quase, apenas.*
- ⇒ Operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias. Exemplos: *mas, porém, contudo, todavia, no entanto, embora, ainda que, posto que, apesar de.*

Tendo em vista todo o respaldo teórico aqui pautado, na próxima seção, nosso objetivo será a análise do debate.

ANÁLISE

A partir dos pressupostos teóricos apresentados, será analisado um trecho de um debate ocorrido no período das eleições brasileiras de 2012, entre Haddad e Serra, candidatos à prefeitura de São Paulo em 2012. O debate ocorreu em um programa de televisão e contou com a presença de um mediador, responsável por mediar o evento. Posteriormente, o texto foi publicado no jornal Folha de São Paulo, em 19 de outubro de 2012.

SEGUNDO BLOCO

Primeira pergunta

Serra pergunta a Haddad: Fernando, uma pergunta dividida em várias. O Fundo de Amparo ao Trabalhador e o financiamento do seguro-desemprego que foram criados por mim durante a constituinte é uma medida para pobre ou uma medida para rico? Os medicamentos genéricos que eu impulsionei no Ministério da Saúde foram uma medida para pobre ou uma medida para rico? Os mutirões de cirurgias e exames feitos pelo Brasil inteiro, inclusive de catarata, foram uma medida para pobre ou uma medida para rico? Os hospitais da Cidade Tiradentes, do M'Boi Mirim e o Instituto do Câncer, que é considerado o melhor do Brasil, foi uma medida para pobre ou uma medida para rico? As escolas técnicas por todo o estado e na capital, as faculdades de tecnologia, a urbanização de favelas foram medidas para pobres ou medidas para ricos? São as minhas perguntas.

Haddad responde: Serra, depende de como você leva à frente os programas. Evidentemente, programas universais como saúde e educação beneficiam indistintamente pobres e ricos de uma determinada região. A decisão de construir um hospital na Cidade Tiradentes e M'Boi Mirim foi da nossa gestão, nós fizemos a licitação, você deu continuidade às obras, mas os três hospitais que você prometeu em 2008 com o Kassab, vocês não entregaram. Então você continuou obras que foram importantes a partir de uma decisão nossa, mas não entregou os três hospitais prometidos para a população, até o presente momento, e nós estamos há alguns poucos meses do final do mandato.

Serra, na réplica: Bem, evidentemente, Fernando, você não respondeu à pergunta. Eu perguntei se eram medidas que favoreciam os pobres ou ricos, tem mais coisas que poderíamos falar. Metrô, por exemplo. O metrô que vem da Vila Sônia até o centro da cidade, que está em obras, várias estações foram inauguradas, é para pobre ou é para rico? A linha verde do metrô, a estação Vila Prudente, alto do Ipiranga. O metrô que estamos fazendo sob forma de monotrilho, o Alckmin está tocando, eu comecei. Expresso Tiradentes é obra para pobre ou rico?

Eu não prometi nenhum hospital em 2008 porque era governador do Kassab. O Kassab concorreu com a Marta e ganhou com 61% dos votos, não existia o hospital do Imirim, era um pátio abandonado. O hospital era um esqueleto, e tem mais, não só toquei como paguei 80% da conta. Eu lembro que nós chegamos à prefeitura, prefeitura no chão em matéria administrativa, loteamento, tudo mais, mas a questão básica é, essas medidas que eu adotei, ou que eu promovi ao longo da minha vida.

O programa Mãe Paulistana é programa para pobre ou rico? Não foi continuação de nada, foi uma inovação que nós fizemos, isso que eu queria que você respondesse e você não respondeu, eu fiz uma lista, responde.

Haddad, na tréplica: *Serra, com toda a sinceridade, vocês têm um desempenho de construção de metrô que é o pior do mundo, são menos de dois quilômetros por ano há 20 anos, nós temos apenas 74 quilômetros de metrô. Você mostra na sua propaganda eleitoral obras que não são suas, são do governo Alckmin, como se fossem suas, e você tem essa mania de descartar os seus apoiadores.*

Você fez isso em 2002 com o governo Fernando Henrique, você escondeu o Fernando Henrique dizendo que não tinha nada a ver com aquilo, agora você está fazendo o mesmo com relação ao governo Kassab. Você apoiou o Kassab, a eleição do Kassab em 2008, e você sabe que ele prometeu três hospitais em regiões pobres da cidade. E nada foi feito. Não saiu do papel.

Pior do que isso, o governo do Estado, com seu apoio, apoiou, aprovou uma lei que está em juízo para venda de 25% dos leitos hospitalares públicos, leitos do SUS, se não fosse a justiça, nós não só não teríamos os três hospitais prometidos, como inclusive teríamos 25% a menos de leitos na Cidade de São Paulo. Portanto, quem quer vender leito do SUS para plano de SUS realmente não pode estar pensando na população pobre. A população está aguardando os hospitais que vocês prometeram até agora, e não cumpriram.

Notamos que o candidato José Serra, ao fazer a pergunta, elenca um conjunto de ações e usa como estratégia a repetição da pergunta “*uma medida para pobre ou uma medida para rico?*”.

Na resposta, o candidato Haddad mantém um discurso argumentativo que tende no sentido de desacreditar o discurso do adversário. Sua fala é marcada por um conjunto de operadores argumentativos, tais como: *evidentemente, como, indistintamente, mas, até*, etc. Dentre eles, predomina o operador *mas*, para marcar uma oposição entre o prometido pelo candidato Serra e a realidade.

Na réplica, Serra se vale de um conjunto de estratégias argumentativas a fim de refutar o discurso de Haddad e mantém a estratégia do questionamento “*medida para pobre ou rico?*” Serra elenca um conjunto de obras, o que se configura como argumento por exemplificação. Em sua fala, aparecem vários operadores argumentativos, como: *evidentemente, porque e tem mais, não só (...)* como, *mas*. Para uma análise mais minuciosa, repetimos um trecho da fala de Serra: “... *eu lembro que nós chegamos à prefeitura, prefeitura no chão em matéria administrativa, loteamento, tudo mais, mas a questão básica é, essas medidas que eu adotei, ou que eu promovi ao longo da minha vida...*”. Neste fragmento, há presença de dois operadores

argumentativos, *mas* e *ou*, o primeiro indicando contraposição à ideia inicial e o segundo introduzindo uma ideia de alternância que conduz a conclusões opostas. Além dos operadores argumentativos, o uso do trecho “*prefeitura no chão em matéria administrativa*” procura desacreditar o governo anterior, do mesmo partido de Haddad.

Na tréplica, Haddad afirma: “... *você escondeu o Fernando Henrique dizendo que não tinha nada a ver com aquilo, agora você está fazendo o mesmo com relação ao governo Kassab...*”. O operador argumentativo *agora* introduz um pressuposto ao enunciado, já o operador *mesmo* assinala um argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão.

No debate em questão, ambos têm um discurso persuasivo, argumentando através de fatos ocorridos, com o intuito de convencer a plateia, os telespectadores e até mesmo o mediador. Além do respaldo em fatos cotidianos, suas falas estão repletas de operadores argumentativos, que proporcionam a força argumentativa necessária para auxiliá-los em seus discursos. Apesar de prevalecer um discurso político, há também a presença de argumento de autoridade, como no seguinte trecho em que o debatedor emprega dados estatísticos para convencer o ouvinte: “... *o governo do Estado, com seu apoio, apoiou, aprovou uma lei que está em juízo para venda de 25% dos leitos hospitalares públicos...*”.

De forma geral, os debatedores empregam estratégias argumentativas com o objetivo de convencer os eleitores de que são bons candidatos ao cargo e cada um procura desacreditar o governo e ou o partido do outro. Trata-se, enfim, de um jogo argumentativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o debate é um gênero que contempla a sequência tipológica argumentativa. Dessa forma, todo discurso utilizado em tal gênero tem por escopo convencer alguém de algum fato, utilizando para isso, a arte de persuadir e convencer.

Assim, com o intuito de atingir seu principal objetivo, verificamos que os participantes de um debate político também fazem uso de diversos operadores argumentativos para dar mais ênfase ao discurso.

Portanto, argumentar de forma convincente não é uma tarefa simples e fácil, ela exige uma série de conhecimentos por parte dos participantes, que precisam estar em sintonia, a fim de que toda a enunciação ocorra. Todos devem, minimamente, partilhar conhecimentos prévios de fatos concretos, conhecimentos de mundo e conhecimentos que envolvem o aspecto emocional, a quem se deve atingir, configurando-se, dessa forma, a arte de persuadir e convencer.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Antônio Suárez. A Arte de Argumentar. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.
- ANTUNES, Irandé. Lutar com palavras: coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, [1992] 2000. Folha de São Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/1171686-leia-a-transcricao-do-debate-eleitoral-entre-haddad-e-serra.shtml>. Acesso em 30/01/2013.
- KOCK, Ingedore G. Villaça. Argumentação e Linguagem. São Paulo: Cortez, 2006.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.P; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) Gêneros Textuais e Ensino. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.
- SCHNEUWLY, Bernard. DOLZ, Joaquim e colaboradores. Gêneros orais e escritos na escola. Trad. Roxane Rojo e Gladís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

Recebido em: 03/02/2016. Aceito em: 23/01/2017